

Motivações dos reclusos para frequentar o ensino na prisão

Ana Cristina Menezes Fonseca¹, José António Rebelo da Cruz², & Félix Fernando Neto¹

1 Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal

2 Universidade Aberta, Portugal

Resumo

Nos últimos anos, o meio prisional tem adquirido considerável importância a nível da opinião pública e interesse científico, inclusivamente, tem crescido a preocupação política na procura de soluções ou alternativas a esta forma de privação de liberdade. Direta ou indiretamente, um conjunto de indicadores tem contribuído para esta situação: o crescimento quantitativo no número de detido, a mudança na estrutura social do delito em situação de droga, crimes contra o património, contra pessoas, contra a vida em sociedade, etc. Todos estes fatores são elos de uma teia que explicam e justificam a importância e o eco do penitenciário no momento social e político. Também, a educação não poderá, como facilmente se percebe, ficar indiferente a esta necessidade premente. Deste modo, o presente trabalho sublinha a importância de investigar as motivações pelas quais os reclusos estudam na prisão. Em concordância com os nossos objetivos, desenvolvemos o estudo com 82 reclusos, todos do sexo masculino, a frequentar o ensino em duas prisões no Porto. O estudo revelou que os reclusos frequentam o ensino por valorizarem, sobretudo, as relações com as pessoas do exterior; esperarem que lhes seja útil em termos de reintegração e os recompense em termos de despenalização.

Palavras-chave: Ensino; motivação; prisão.

Abstract

Over the past years, the prison environment has gained considerable importance among public opinion and scientific interest, in particular the political concern in the search for solutions or alternatives to this kind of deprivation of liberty has growth. Directly or indirectly, a set of indicators has contributed to this situation: a growth in the number of detainees and a shift in crime social structure in situations of homicides, drug offenders, sex offenders and property offenses. All this factors are links of a net that explain and justify the importance and the echo of the penitentiary system in the social and political moment. It is likewise easy to understand that education can't be apart from this very important need. This way, the present study underlines the importance of research the motivations for which the prisoners study in prisons. In accordance to our aims, we developed the research with 82 prisoners, being all males that are attending school in two prisons in Oporto. The study revealed that the reasons why the prisoners attending school are: value, mainly, the relationships with people outside the prison; expect that this time will be useful in their reintegration and obtain rewards in terms of sentence reduction.

Keywords: education; motivation; prison.

Introdução

De acordo com a legislação (Despacho-Conjunto n.º 451/99) portuguesa e as orientações das principais organizações internacionais (UNESCO), a educação na prisão é um direito dos reclusos, que tem como objetivo educar e facilitar a reintegração social, ocorrendo sempre que o recluso o solicite. Estudos anteriores conduzidos na área da educação prisional mostraram que o recluso percebe o ensino como uma segunda oportunidade de aprender (Bhatti, 2000). Fonseca e Neto (2006) mostraram, por exemplo, que os reclusos não ciganos se sentem mais auto-confiantes na sua vida académica em comparação aos ciganos. Travis (2005) demonstra que, mesmo frequentando o ensino, os ex-reclusos têm dificuldade em manter o emprego, reparar as relações familiares quebradas e serem aceites na comunidade. Finalmente, Groot e Brink (2010) concluíram que o ensino transmite valores, é gratificante, promove a cooperação e competição. Logo “pode conseguir - e muitas vezes consegue - inverter situações de desinserção social” (Resende, 2007, citada por Resende, 2008, p.7). O presente estudo analisa os motivos suscetíveis dos reclusos frequentarem o ensino nas prisões.

Para tal analisaram-se três aspetos:

- › Motivos que levaram o recluso a estudar na prisão.
- › As perceções que têm sobre o que leva o recluso a não querer estudar.
- › Obtenção de competências.

Metodologia

Participantes. Participaram no estudo 82 reclusos, todos do sexo masculino. Todos os reclusos frequentam o ensino na prisão. Os inquiridos a frequentar o 1º ciclo do ensino básico representam 28%; a frequentar o 2º ciclo do ensino básico encontram-se 40%; por fim, a frequentar o 3º ciclo do ensino básico encontram-se 32%. Estão detidos por homicídio (18%), furto (26%), tráfico de droga (32%), crimes sexuais (8%) e outros crimes (26%). A duração das suas sentenças varia entre 8 e 200 meses. A duração média de detenção é de 23 meses. A idade média é de 36 anos (DP=10,8).

Instrumento. O questionário é constituído por questões relativas às expectativas, motivos de frequência do ensino, dados sociodemográficos e situação prisional dos reclusos. O questionário é semi-aberto, porque além de questões colocadas a todos os reclusos estes tinham também oportunidade de exprimir as suas vivências.

Procedimento. Os dados foram recolhidos em 2014, em duas prisões do Porto, através de um questionário anónimo, auto-preenchido, aplicado na presença da investigadora numa sala de aula, com autorização da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais. Todos os participantes foram voluntários. Foi garantido o anonimato e a confidencialidade das repostas.

Resultados e Discussão

Tabela 1.

Estatística descritiva dos motivos pelos quais os reclusos estudam na prisão

Quais os motivos que o levaram a estudar na prisão?	Média	Desvio Padrão
Para contactar com pessoas do exterior.	3,56	0,61
Para adquirir novas competências.	3,53	0,77
Para conseguir uma boa profissão.	3,30	0,93
Para ter precárias mais facilmente.	3,24	1
Para espalhar os pensamentos e não pensar na pena que falta cumprir.	3,09	1,06
Para beneficiar de redução de pena.	3,07	1,05
Para evitar o recreio.	2,68	1,16
Para aprender a ler e a escrever.	2,54	1,12
Para evitar más companhias.	2,10	1,14
Para estar com companheiros de outras celas.	1,91	1,12

Podemos constatar que os reclusos valorizam as relações com as pessoas do exterior (média de 3,56, num máximo possível de 4 pontos, DP=0,61), o ensino assume, assim, um papel evasivo, isto é, graças a ele podem sair provisoriamente das celas e manterem algum contacto com pessoas do exterior, nomeadamente com os professores “é importante vermos pessoas sem estarem presas” (Recluso A) ou então, e dado o seu baixo nível de escolaridade aproveitam o tempo de reclusão “para coisas que lá fora tive oportunidade e nunca quis aprender” (Recluso B). Do mesmo modo esperam que lhes seja útil em termos de reintegração e, simultaneamente que os recompense em termos de despenalização “se frequentar a escola é mais fácil reduzirem-me a pena e tenho precárias mais facilmente, como sempre a frequentei arranjam-me trabalho, se não os chefes não

me facilitam a vida” (Recluso C). Este resultado corrobora os estudos de Bhatti, (2000), Faugeron (1996), Fonseca e Neto (2006) e Gonçalves, (1993).

Após termos dividido os participantes em dois grupos etários: dos 20 aos 35 anos e dos 35 aos 70 anos, o efeito da idade não se mostrou significativo para nenhuma das questões, relativas aos motivos pelos quais os reclusos estudam na prisão.

Tabela 2.

Estatística descritiva das percepções que têm sobre o que leva o recluso a não querer estudar

Porque pensa que há reclusos que não querem estudar?	Média	Desvio Padrão
Porque têm aversão à escola.	3,65	0,59
Porque falta de recursos materiais e físicos	3,30	0,89
Porque tem uma componente muito teórica.	3,23	0,94
Porque o ensino não dá resposta às necessidades dos reclusos.	3,10	1,05
Porque falta de motivação.	2,82	1,07
Porque o sistema prisional não incentiva a sua frequência.	2,69	0,97

Verificamos que a maioria dos inquiridos refere que os reclusos não frequentam o ensino porque tem aversão à escola (média de 3,65, num máximo possível de 4 pontos, DP=0,59), sendo as dificuldades de estudar dentro da prisão igualmente evidenciadas. Este resultado é condizente com estudos que referem que a escola não se ajusta às classes desfavorecidas, provocando a exclusão social, despertando sentimentos de incompetência, diminuição de auto-estima, contribuindo para uma imagem negativa de si próprio (Cortesão, 2000; Guarinos, & Oliver, 1990). Além disso, as dificuldades de estudar na prisão são de natureza física e psíquicas (Fonseca & Neto, 2006) tendo vindo a agravar-se nos últimos anos (Ruback, & Innes, 1988).

Após termos dividido os participantes em dois grupos etários: dos 20 aos 35 anos e dos 35 aos 70 anos, o efeito da idade não se mostrou significativo para nenhuma das questões, o efeito da idade não se mostrou significativo para nenhuma das questões, relativas às percepções que os reclusos têm sobre o que os leva a não querer estudar.

Tabela 3.

Estatística descritiva da obtenção de competências

Pensa que o ensino o pode ajudar em algumas das situações seguintes...	Média	Desvio Padrão
O ensino ajudá-lo-á a encontrar trabalho fora da prisão	4,56	0,58
A aprender a refletir sobre os erros cometidos.	4,21	1,04
A aprender a ter hábitos de trabalho.	4,13	0,89
A aprender algo útil para o futuro.	4,01	1,34
A fazer amigos e companheiros.	3,98	1,13
A relembrar conhecimentos adquiridos.	3,86	1,11
A melhorar a linguagem.	3,78	1,16
A fazer-se respeitar dentro da prisão.	3,78	0,86
A passar o tempo.	3,73	1,07
A aprender a ler.	3,34	1,38
A aprender a escrever.	3,10	1,31
A ter um horário e a organizar a vida	3,02	1,26

Constamos que 59% dos reclusos pensam que o ensino ajudá-los-á a encontrar trabalho fora da prisão (média de 4,56, num máximo possível de 5 pontos, DP=0,58), assim como, a adquirir ou melhorar competências básicas e complementares. Este resultado é condizente com as orientações legislativas que refere que as prisões devem desenvolver “um ensino que vise a preparação do recluso para a liberdade, através do desenvolvimento das suas responsabilidades, da aquisição de competências que lhe permitam optar por um modo de vida socialmente responsável, sem cometer crimes, e prover às suas necessidades após a libertação” (Lei 115/2009, art. 5, ponto 2).

Após termos dividido os participantes em dois grupos etários: dos 20 aos 35 anos e dos 35 aos 70 anos, o efeito da idade não se mostrou significativo para nenhuma das questões, o efeito da idade não se mostrou significativo para nenhuma das questões, relativas à obtenção de competências.

Tabela 4.

Avaliação do desempenho

		Muito satisfeito	Bastante satisfeito	Satisfeito	Insatisfeito	Bastante Insatisfeito	Muito Insatisfeito	Total
Avaliação do desempenho	Freq.	33	33	17	5	5	9	82
	%	40,0	40,0	21,0	6,0	6,0	11,0	100,0

Os resultados indicaram que a maioria dos reclusos (40%) apresenta um grau de satisfação educacional atual elevado. Estes dados estão de acordo com estudos que referem que os reclusos sentem que têm sucesso e sentem-se auto-confiantes na sua aprendizagem escolar (Fonseca & Neto, 2006; Guarinos, & Oliver, 1990).

Contacto para Correspondência

--

Ana Cristina Menezes Fonseca · acmenezesfonseca@hotmail.com

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Rua Alfredo Allen
4200-135 Porto Portugal

Referências

- Bhatti, Ghazala (2010). Learning behind bars: Education in prisons. *Teaching and Teacher Education*, 26, 31-36.
- Canário, R. (1999). *Educação de adultos. Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.
- Cortesão, L., et al (2000). *Nos bastidores da formação. Contributos para o conhecimento da situação actual da formação de adultos para a diversidade em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.
- Despacho-Conjunto n.º 451/99, publicado no DR nº 127 de 01 de junho de 1999.
- Faugeron, C. (1996). *Approches de la Prison*. Canadá: De Boeck Université.
- Fonseca, C., & Neto, F. (2006). Atitudes dos reclusos ciganos e não ciganos face ao ensino recorrente. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2, 329-352.
- Gonçalves, R. (1993). *A Adaptação à Prisão – Um Processo Vivido e Observado*. Lisboa: Direcção Geral dos Serviços Prisionais.
- Groot, W., & Van Den Brink, H. (2010). The effects of education on crime. *Applied Economics*, 42, 279-289.
- Guarinos, Á., & Oliver, F. (1990). *Alfabetización en el Medio Penitenciario*. Madrid: Editorial Popular S.A.
- Lein.º 115/2009 de 12 de Outubro, disponível em: <http://www.dre.pt/pdf1s/2009/10/19700/0742207464.pdf>, consultado em 24 de maio de 2015.
- Resende, C. (2008). “Raça, Racismo e Etnicidade: Conceitos pouco visíveis num contexto pouco visível”, *Actas do VI Congresso Português de Sociologia. Mundos Sociais: Saberes e Práticas*, Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia.
- Ruback, R., & Innes, C. (1988). The relevance and irrelevance of psychological research: The example of prison crowding. *American Psychologist*, 43, 683 - 693
- Travis, J. (2005). *But they all come back: Facing the challenges of prisoner reentry*. Washington, DC: The Urban Institute Press.
- UNESCO (1998). *V Conferência internacional sobre a Educação de Adultos*. Lisboa: Ministério da Educação.